

SOLO  
Noturno a quatro vozes

(trecho)

Thiago Mattos  
Confraria do Vento, 2018

[...]

Ele está do lado de fora, de costas para a janela. Começa a mover o tronco, os pés fixos no chão, devagar, bem devagar. O rosto um pouco mais para trás do que o tronco, que vai devagar, bem devagar, se contorcendo. Aqui é que os olhos veem. Veem o que está debaixo da mesa. As bochechas tremem,

tudo vibra e racha, os pés tentam se endireitar, o corpo queda para o lado, ainda devagar, bem devagar, e ele quase cai.

Devagar, bem devagar, ela sorrindo, ela gemendo e pedindo nela, ele nela e ela querendo e sorrindo e gemendo e pedindo nela, ele nela.

Estava nua sobre o tapete, debaixo de um João gordo e suado.

Melhores descrições não posso dar: sorrio, sem entender, e fecho os olhos.

José entra na sala.

Reabro os olhos.

É um bicho, um cavalo, pega a faca em cima da mesinha de centro. Maria e João se levantam. Ficam sentados no tapete, os olhos arregalados contra a luz que entra pela porta. Maria sufoca um berro nos braços. José dá meia volta no vão da porta, a faca na mão. Lá fora, o cavalo, sob o poste, olha para a porta aberta. José corre, corre torto, corre como se mancasse, como se não aguentasse, não fosse aguentar, enterra a faca no pescoço do cavalo, que relincha, gane, se debate e treme.

Um sangue vivo, aceso, escorre pelo gramado azulado, mela as folhas da grama, brilha debaixo da aurora, como se escorresse do céu incandescente.

– É sangue! É sangue! – Maria grita e corre. Está nua. Para no vão da porta, de frente para o sol. João está sentado no sofá, vestindo as calças. Aparece por trás dela, vestido, oleoso.

José enterra uma segunda vez a faca na carne crispada.

O cavalo sai, pula, corre; arrebenta, estrebucha e morre.

O cavalo está degolado no meio do gramado. As carnes do pescoço, expostas, brilham sob a luz do dia que amanhece. O sangue, grosso e escuro, ainda pinga. Em volta do cavalo, uma mancha melada. É o sangue que, na aurora, azula e escurece. José está sentado ao lado da poça. Os joelhos levantados, onde apoia o queixo. Olha para depois do longe. As mãos, meladas de vermelho, tremem. Maria está no meio do gramado, nua, pálida, um fiapo branco fincado na grama azul. Soluça, esfrega os braços e chora. Tem no abdome e nas pernas riscos de sangue seco. João surge na porta. Acendeu todas as lâmpadas da casa. Os retângulos amarelos vão morrendo sobre o gramado ensolarando. Colocou música alta. *Une bossa nova*. Sai da casa, anda de um lado para o outro, olhando para o chão e abanando a cabeça. Carrega numa mão uma taça de vinho, que às vezes ergue à altura dos olhos, contra a luz do sol.



## AGORA EU SOU UM CAVALO

### I. Des charognes

Estamos em pleno ar.  
É um gramado verde vivo, porque amanhece,  
e no centro uma casa acesa:  
retângulos de luz apagam sob o sol.

A poucos metros da entrada  
está deitado um cavalo.  
Arfa, vai engasgar:  
uma faca cravada no pescoço.  
O sangue, grosso vermelho, empapa contra o verde.  
Não sei dizer se esfria  
sobre a grama fresca da noite  
ou esquentada sob o sol da manhã.

O dia vai voltar  
o dia não vai voltar.

É um vale verde onde cantou um cavalo.  
Com os pés entre a grama alta, ele dorme. Sorrindo como  
Sorriria um cavalo doente.

A boca aberta  
e o coração de chuva  
Bicho morto  
três facadas  
e uma lua em cada olho

Lembra agora aquilo que vimos, meu amor,  
Naquela manhã de verão tão doce  
No meio de um gramado: uma carniça de cavalo  
Sobre uma poça de sangue melado.

Cavalo novo, boca aberta, cabeça morta  
A nuca empapada de sangue e de sol.

As pernas abertas, como um homem no cio,  
fervilhante e suando de fedor,  
abria sem nome, sem fome, um abdome  
revirado de sol.

Sol que ardia sobre a carne aberta,  
quase cozida,  
e vigiava a carcaça escavada,  
flor desabrochada,  
contra três sombras que perto rondavam.

O osso da cabeça  
o músculo da coxa  
os nervos do pescoço

a coluna vertebral  
ventre revirado  
pescoço azedo  
artéria decomposta  
carne esquartejada sobre grama fresca  
e minha vida dividida em postas  
    uma parte para o nascimento  
    outra para o meio tempo  
    pouco para o quase fim  
    e a sobra para a terra prene de sol

Sol, sempre o sol, mesmo sol  
que a carne fervia e as moscas atraía,  
negros batalhões de larvas  
escorrem como líquido espesso,  
descem e sobem como onda,  
três buracos vermelhos onde espuma o sol.

Lá longe, em casa, há a prece:  
    Que volte cedo, e bem!  
Jaz morto, e apodrece,  
    O cavalo de sua mãe.

## II. El alazán

Como uma cinta de fogo  
Galopando, galopando

Crina aberta em chamas  
Meu alazão, estou te nomeando  
Subo a serra com lua  
Cruzo os vales queimando  
Cem caminhos andamos  
Meu alazão, estou te chamando

Escuro laço de bruma  
Se desfez sobre o descampado,  
Como foi que não me viste?  
Que estrela estavas buscando?

No fundo do abismo  
Nem uma voz para chamá-lo,  
Sozinho se foi morrendo –  
Meu cavalo, meu cavalo.

Sobre o galho de uma árvore  
Está uma sela solitária.  
Um curral sem relinchos –  
Meu alazão, estou te esfaqueando.

Se como dizem alguns  
Há um céu para cada cavalo,  
Por aí andaré meu alazão  
Galopando, galopando.

Escuro laço de bruma  
Se desfez sobre o descampado,

Como foi que não me viste?  
Que estrela estavas buscando?  
Sozinho se foi morrendo –  
Meu cavalo, meu cavalo.

### III. Coração de cavalo

Mão de aranha  
e corpo de cruz

Língua seca,  
perna manca,  
pele aberta

Três batidas contra o chão

As fomes da deslembração

Madeira contra madeira  
Osso contra chão  
Carne contra o não

Quando serás dia,  
    clara manhã de sangue?  
Quando serás clara,  
    clara manhã de facas?  
Quando serás nunca,  
    clara manhã de carne?

eu ando até o meio da grama, eu volto para trás, cheiro de grama molhada, a grama é azul, depois do gramado tem uma casa branca, a casa branca tem uma janela acesa, cheiro de folha seca, bicho morto, a casa branca tem uma porta fechada, um buraco, um grito, uma mulher de boca aberta, eu vejo dentro, quando o dia vai voltar, o dia nunca vai voltar, a janela da frente acesa de amarelo fala, e se você quiser ir na cidade amanhã comprar mais vinho, como você vai fazer? a janela da frente acesa de amarelo pergunta, a mulher grita, tombo, madeira pesada, lodo atrás da casa, madeira grossa, madeira pesada tomba contra madeira pesada, a janela da frente amarela fala, até o dia voltar, só eu não escuto, só eu não entro, só eu não posso, não consigo, não sei, o osso da cabeça, o telhado fala, a casa cala, eu sou um cavalo, eu corro em volta da bola amarela em cima da grama, eu vou correr até eu poder gritar, aí eu paro, a porta de madeira branca igual da fazenda abre, grama molhada, bola amarela em cima da grama, a porta abre e a mulher corre para trás, ela cai, ela corre deitada, agora eu sou uma cobra, ela grita, ela some, eu sou um cavalo, eu corro em volta da casa, o telhado fala, a janela redonda atrás da casa fala, a janela da frente amarela fala, a porta de madeira branca igual da fazenda fala, a parte debaixo da porta, quente dentro, lenha, quente dentro, azedo também, estou correndo em volta da casa, lama seca, nada também, chão frio atrás da casa, o telhado da casa grita, a janela redonda atrás da casa grita, eu estou

[...]